

PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

Atena
Editora
Ano 2023



PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**
Editora
Ano 2023



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Do mito grego à psicanálise: ressonâncias

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Paulo José da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
D631	Do mito grego à psicanálise: ressonâncias / Organizador Paulo José da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0804-8 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401 1. Psicanálise. I. Costa, Paulo José da (Organizador). II. Título. CDD 150.195
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O legado da civilização grega para a cultura ocidental é inegável, assim como a presença da mitologia helênica na construção do arcabouço teórico da psicanálise. De modo geral, herdamos as suas contribuições por meio do que permaneceu intacto, através de registros históricos, arqueológicos, artísticos, linguísticos, etc., que sobreviveu ao tempo e foi absorvido pela posteridade, mas também pelos bens imateriais inerentes. Entretanto, não podemos supor que o patrimônio helênico herdado se mantenha incólume na nossa cultura, mas sobrevive porque é amalgamado ao devir, é readaptado e ressignificado no percurso temporal, geográfico, histórico, social, das ações humanas de cada tempo e lugar.

Tal processo, ao contrário de diminuir a importância desse legado, embora nos possa parecer diluí-lo ou até fazê-lo sair de cena, o mantém vivo porque esse movimento é essencial a sua preservação de diferentes maneiras. Sem isso, o que ele contém de mais significativo referente ao humano se engessaria e assim perderia a sua força e o seu valor, levando-o ao desaparecimento, pois teria perdido o que o faz ser fonte de inspiração, de reflexão, que é o seu dinamismo. Nesta perspectiva, a psicanálise se apropriou de elementos dessa herança, por reconhecer a sua dinamicidade e capacidade de expressão de aspectos profundamente humanos, em constante movimento. Nesse sentido, o modo como Freud se aproximou particularmente dos mitos gregos na construção do *corpus* psicanalítico, resgata a atualidade daquilo que já estava presente na Antiguidade, transformando-o, através de uma abordagem original que lhe permitiu criar um novo campo do conhecimento.

Assim sendo, podemos pensar que a contribuição da civilização helênica para a cultura ocidental, e particularmente para a psicanálise que é o nosso foco de interesse em nossas pesquisas e estudos, se manifesta como uma espécie de eco que pode ser tomado como repetição, mas também como portador de algo para o qual se chama a atenção, que reverbera em múltiplas situações e condições, pelas quais evidencia, transmite, distingue certa coisa que até então talvez estivesse velada ou pouco percebida, que repercute pelo efeito que produz. Portanto, por ressonâncias explícitas ou subjacentes, manifestas ou latentes. É considerando tais ressonâncias e suas inúmeras possibilidades que vimos nos debruçando sobre a interface entre mitologia grega e psicanálise, inseridos na Linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá.

Com foco nessa interface, professores, mestrandos e doutorandos do

referido Programa de Pós-graduação desenvolvem estudos e pesquisas, além de consolidar a disciplina “A mitologia grega e a dimensão trágica do psiquismo: reflexões psicanalíticas”, ministrada regularmente. É desse *corpus* de produções que emergem as nossas publicações, algumas das quais apresentamos no presente livro. Também contamos com a parceria e contribuições de profissionais interessados nessa temática, vinculados às seguintes instituições: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Centro Universitário UDF, Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma), Centro Universitário de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná (UniFatecie), Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM) e Prefeitura Municipal de Maringá,

No presente livro, as interfaces entre mitologia grega e psicanálise são abordadas por diferentes perspectivas e temáticas, que expressam a riqueza de possibilidades que emergem do encontro desses dois campos. Assim, no primeiro texto, *Dor mental e engrenagem suicida: um jeito de existir*, é discutido um modo de funcionamento psíquico que cria proteções para evitar o conhecimento de aspectos fundamentais inerentes à condição humana, visando blindar a mente de pensar as verdades penosas, segundo a concepção bioniana. No segundo, por sua vez, denominado *A clínica psicanalítica e a ética trágica na pós-modernidade*, apresenta e argumenta acerca da relação entre os fundamentos psicanalíticos e o pensamento filosófico trágico, remetendo a uma ética trágica norteando o trabalho do psicanalista e auxiliando a compreensão de qual é o lugar ocupado pela psicanálise no mundo contemporâneo.

Quanto ao terceiro texto, intitulado *Deméter e Perséfone: reflexões acerca das dificuldades de separação subjetiva entre mãe e filha*, parte de vivências oriundas da clínica para refletir sobre a modalidade relacional em que não ocorre a separação e a diferenciação necessárias, no processo de subjetivação, envolvendo a dupla mãe-filha. Na sequência, em *Narciso e o espelho: análise de uma narrativa mítica*, o exame recai sobre o mito de Narciso a partir de sua estruturação narrativa, tendo por base tanto elementos textuais quanto psicanalíticos. Em *Jasão: o herói adormecido*, além de apresentar este mito, investiga as características do seu processo heroico em sua relação com Medeia.

No texto *O destino de John Connor na trilogia “O exterminador do futuro”*: *esboços psicanalíticos e trágicos*, a partir de elementos psicanalíticos e trágicos,

são propostas algumas possibilidades para se pensar a presença mítica na contemporaneidade, através do exame de aspectos presentes no personagem principal da referida obra cinematográfica. Com relação ao sétimo texto, *Do rito fúnebre ao mito das origens: questões do sujeito a partir de Antígona e Incêndios*, a partir da personagem sofocleana e de uma peça teatral, ambas indicadas no título, traz reflexões com o intuito de pensar acerca da noção de sujeito desde o seu enlaçamento com a cultura e sobre o registro do mito, enquanto possibilidade para se pensar as origens e a morte.

Quanto ao próximo texto, *Anacronia no enigma edípico: paradigma do tempo em psicanálise*, busca defender a existência de uma anacronia no processo de formulação do enigma edípico, sendo necessário, para tanto, tratar sobre a tese do tempo tal como se apresenta na tragédia de Sófocles sobre o rei Édipo e a dinâmica da atemporalidade inconsciente, do ponto de vista psicanalítico. Sequencialmente, em *A disjunção entre a mulher e a mãe em Medeia*, são levantados questionamentos a respeito do destaque dado por Eurípidés à personagem e seu ato filicida, a partir do que se constroem análises evidenciando as distinções entre a mãe e a mulher, trazendo para o campo psicanalítico como pauta de importante discussão.

Intitulado *O avesso de Procusto: algumas observações acerca da inquietante função do analista*, o décimo texto apresenta uma reflexão sobre a alteridade e suas implicações metapsicológicas, argumentando pela perspectiva da função analítica. Em seguida, desenvolvendo conexões entre as noções de frenesi báquico e de loucura privada, enquanto possibilidades de se pensar a clínica psicanalítica na atualidade, temos *O frenesi báquico e a loucura privada: articulações entre a psicanálise e a tragédia As Bacantes*. Finalizando esse conjunto de estudos, consta *Medeia e o filicídio: comoção e horror*, no qual a proposta é examinar as possíveis reações que as pessoas têm perante a situação de assassinio dos filhos pela própria mãe, analisando a partir dos conceitos de recalque e de formação reativa.

Esperamos que a leitura do presente livro possa contribuir para a reflexão e para a promoção de debates, favorecendo o surgimento de novos entendimentos envolvendo as questões levantadas e discutidas aqui. E propiciar deleite (porque não?), tendo em vista a arte envolvida nos mitos gregos.

SUMÁRIO**SUMÁRIO 5****CAPÍTULO 1 1**

DOR MENTAL E ENGRENAGEM SUICIDA: UM JEITO DE EXISTIR


Angélica Calaresi Wolff

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304011>**CAPÍTULO 2 10**

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE


Gabriel Crespo Soares Elias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304012>**CAPÍTULO 3 31**

DEMÉTER E PERSÉFONE: REFLEXÕES ACERCA DAS DIFICULDADES DE SEPARAÇÃO SUBJETIVA ENTRE MÃE E FILHA


Michelle Cintya Bacini

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304013>**CAPÍTULO 4 48**


NARCISO E O ESPELHO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MÍTICA

Alcione Lucena de Albertim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304014>**CAPÍTULO 5 65**

JASÃO: O HERÓI ADORMECIDO


Viviana Carola Velasco Martinez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304015>**CAPÍTULO 6 85**

O DESTINO DE JOHN CONNOR NA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”: ESBOÇOS PSICANALÍTICOS E TRÁGICOS


Carlos Henrique Barbosa Vieira






Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304016>**CAPÍTULO 7 108**

DO RITO FÚNEBRE AO MITO DAS ORIGENS: QUESTÕES DO SUJEITO A PARTIR DE ANTÍGONA E INCÊNDIOS

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304017>

CAPÍTULO 8	125
ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO: PARADIGMA DO TEMPO EM PSICANÁLISE	
João Milton Walter Tavares	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018	
CAPÍTULO 9	143
A DISJUNÇÃO ENTRE A MULHER E A MÃE EM MEDEIA	
Lauro Barbosa	
Maria Cristina Poli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019	
CAPÍTULO 10.....	156
O AVESSE DE PROCUSTO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DA INQUIETANTE FUNÇÃO DO ANALISTA	
Mauricio Rodrigues de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110	
CAPÍTULO 11	172
O FRENESI BÁQUICO E A LOUCURA PRIVADA: ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A TRAGÉDIA AS BACANTES	
Ana Flávia Cicero Conde	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111	
CAPÍTULO 12.....	187
MEDEIA E O FILICÍDIO: COMOÇÃO E HORROR	
Emanuely Jackeliny Pissinati Martins	
Viviana Carola Velasco Martinez	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112	
SOBRE OS AUTORES	205
ÍNDICE REMISSIVO	208

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE

Data de aceite: 11/11/2022

O presente trabalho foi apresentado como tema livre no XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise (2019), em Belo Horizonte.

Gabriel Crespo Soares Elias

Programa de Pós-graduação em Filosofia
da Universidade Federal Fluminense
Liga Acadêmica de Saúde Mental e
Psiquiatria (LiPsi), Universidade Federal
Fluminense

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8701-9825>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: OS FUNDAMENTOS TRÁGICOS DA PSICANÁLISE

Na construção da psicanálise, Sigmund Freud a constituiu como um saber (ciência) que se produziria a partir da experiência clínica, sendo um dos seus fundamentos éticos a primazia da clínica, onde é a experiência da análise que indica as necessidades de elaboração ou reelaboração teórica e o desenvolvimento conceitual da sua técnica. Ao longo de sua

obra, diante de novas experiências e novos problemas clínicos, o criador da psicanálise não hesitou diante de descobertas e modificou sua teoria e perspectivas, mantendo seu pensamento em constante movimento (FREUD, 1996f).

Freud recusava que a psicanálise pudesse ser moldada a partir de pressupostos filosóficos pessoais, a partir do que ele chamava de visão de mundo – *Weltanschauung*. Ele considerava a filosofia uma *Weltanschauung*, pois permanece como um sistema fechado, que se apoia sobre conceitos e verdades primordiais, enquanto à psicanálise reivindicava o título de *Naturwissenschaft* – uma ciência da natureza. Como ciência da natureza, a psicanálise deveria estar sempre aberta a modificações, embora não pudesse ser reduzida a um fisiologismo e ao naturalismo médico-biológico. (FREUD, 1996j).

Percorrendo as trilhas do pensamento freudiano, podemos observar que a sua clínica muitas vezes se encontrou com a

filosofia, a literatura, a mitologia grega e as artes. Salientamos ainda que, na biografia de Freud, observamos em especial que a filosofia de autores chamados trágicos e a tragédia grega sempre fizeram parte da sua formação teórica, tendo ele as lido da juventude à vida adulta (JONES, 1989). E foi desse modo que, analisando seus próprios sonhos e fantasias, assim como os de seus pacientes, Freud chegou à proposição da existência de um complexo inconsciente que ele deu o nome do personagem da tragédia de Sófocles – *Édipo Rei*. Dada a semelhança entre a história grega e o conflito da criança que se encontra no triângulo afetivo entre seu pai e sua mãe, de modo a sentir hostilidade pelo primeiro e desejo pelo segundo, Freud (2001) propôs o conceito de Complexo de Édipo.

Podemos observar que o discurso psicanalítico, desde os primórdios da produção freudiana, encontra afinidade com certa leitura da existência que revela os aspectos trágicos da condição humana, aspectos trágicos porque conferem importância à dimensão da corporeidade e as vicissitudes da carne; da vontade inconsciente como motriz das ações do indivíduo – e não a razão e a ‘boa consciência’ –; o desamparo como condição originária do homem, que nasce em precariedade de recursos para manter a sua sobrevivência se comparado a outros animais e por isso necessita dos cuidados do outro; o dualismo entre as pulsões de vida e as pulsões de morte; o mal-estar como condição do animal civilizado que se vê privado da liberdade de seus mais profundos interesses.

A partir desses fundamentos, podemos afirmar, sem que isso implique no fato de a psicanálise não possuir uma visão de mundo, que a teoria psicanalítica e sua leitura da condição humana se aproximam de uma visão de mundo semelhante à dos gregos que produziram as tragédias, aquelas peças que não tinham por finalidade apresentar um final feliz e um modelo de vida perfeito, onde o ‘belo’ muitas vezes se manifestava pelo horror e asco que as pessoas sentiam ao ver as cenas trágicas no palco. A mesma manifestação Freud observou contra a psicanálise, que em seu tempo foi acusada de atentar contra os valores mais nobres do pensamento humano (FREUD, 1996c).

Uma das propostas do presente texto consiste em apresentar e discutir como, além da relação expressa pelo próprio pai da psicanálise com o pensamento grego, os fundamentos da técnica psicanalítica postulados por Freud possuem relação íntima com uma tradição de pensamento filosófica que pode ser chamada de trágica, pois se insere na mesma genealogia de autores de língua alemã que, entre os séculos XVII e XIX, voltaram seus anseios intelectuais para as tragédias gregas. É Roberto Machado (2006) quem nos ajuda a compreender a noção de existência trágica a partir da leitura da tragédia, mostrando-nos como uma tradição alemã de Schiller a Nietzsche buscou na tragédia grega um forte sentido filosófico e existencial, como se a mesma fosse uma ‘guardiã’ de um sentido sobre as profundidades do próprio sentimento humano, seus desejos, culpas, paixões,

vontades, contradições, conflitos, onde a existência se pauta na luta pela sobrevivência e na exacerbação da individualidade, sendo o indivíduo convidado a tomá-la como ato heroico (MACHADO, 2006).

Seguindo também as pistas de pesquisadores que versaram sobre a psicanálise e sua articulação com a filosofia e os filósofos (ASSOUN, 1978; BIRMAN, 2003) percebemos que o discurso freudiano assemelha-se aos discursos de autores trágicos, inclusive em sua fundamentação ética, ou seja, nos valores que o psicanalista deveria prezar em sua prática. Destacamos aqui os filósofos Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche, a quem o próprio Freud reconheceu que havia lido em dado momento de sua vida, embora minimizasse a influência dos mesmos no desenvolvimento de suas teorias (FREUD, 1996c). A forma como a psicanálise é fundamentada pelo seu criador pode ser lida a partir de sua articulação com a filosofia e a tragédia, de modo a extrair da obra freudiana a sua ética e estética trágicas, que se instaura entre os discursos de Schopenhauer e Nietzsche sobre a dor, a vontade, os impulsos, a repressão social e o lugar do sofrimento na experiência humana. Nas palavras de Birman,

o estilo de pensamento presente no discurso freudiano, no que concerne a sua problematização da dor, se inscrevia numa genealogia filosófica, constituída no século XIX, que teve em Sade, Schopenhauer e Nietzsche as suas formulações teóricas cruciais. Em todos esses a leitura trágica do sujeito foi também colocada em evidência, de forma que foi nesta tradição teórica que se constituiu o discurso freudiano (BIRMAN, 2012, p. 20).

A leitura dos fundamentos da psicanálise nos leva a pensar numa ética trágica que se teria dupla finalidade: a) ajudar a nortear o trabalho do psicanalista, e b) auxiliar no entendimento do lugar que a psicanálise e seu discurso trágico ocupam no mundo contemporâneo.

Freud (1996i) apresentou em linhas claras como a psicanálise está intimamente relacionada à análise da cultura. Neste texto, ele apresenta como a teoria sobre as pulsões e o adoecimento psíquico humano estão vinculados à repressão das mesmas pulsões pelos ideais e valores da cultura, sendo o homem lido na condição da qual não pode se eximir: pelos benefícios de ser um animal civilizado, ele deve lidar com o ônus de estar reprimido da liberdade de impulsos do seu mais primitivo interesse, tais como o erotismo e a agressividade (FREUD, 1996i). Trazendo a leitura do sociólogo Bauman (1998) e dos psicanalistas Birman (2001) e Fortes (2012) sobre o mal-estar contemporâneo, que se soma à análise da cultura feita por Freud, discutiremos como na nossa sociedade pós-moderna, os discursos e tratamentos conferidos à dor e ao sofrimento psíquico caminham no sentido de abafá-los e eliminá-los, mesmo que com isso se elimine também parte da liberdade humana e dos indivíduos que não se adequem a esses ideais de consumo e

prazer.

Enquanto a psicanálise apresenta uma perspectiva da vida que se instaura também para além de uma análise de prazer, registrando a dor, o sofrimento e o conflito pulsional como fundamentais para emergência do aparelho psíquico (FREUD, 1996e), os valores pós-modernos se sustentam nas promessas de felicidade pelo consumo e pelo mercado. Estas promessas estão fundamentadas em ideais demasiados hedonistas que destacam uma visão da dor como se a mesma não pudesse fazer parte da existência e por isso deve ser eliminada a qualquer custo da experiência humana: o que pode ser visto, por exemplo, no uso abusivo e excessivo de drogas psicofarmacológicas que ajudam a eliminar qualquer sinal de dor, mesmo que com isso se chegue ao extremo de fadar ao indivíduo a uma vida com pouca autonomia e relação (ROSA; WINOGRAD, 2011).

Mostraremos como o compromisso ético com a perspectiva trágica sobre a condição humana ao mesmo tempo em que destaca a importância das considerações psicanalíticas sobre a dor e o sofrimento psíquico, leva também a psicanálise a ocupar um lugar de resistência diante do atual panorama de mal-estar pós-moderno, haja vista que a nossa pós-modernidade parece nos distanciar, pelos seus valores e ideais, do que é trágico no homem. A psicanálise, compreendida por sua ética trágica, reconhece a potência de transformação da subjetividade que existe nas modulações entre satisfação e dor que não são pares excludentes, mas coexistentes e que também é um material analítico de grande importância para a análise do sujeito (BIRMAN, 2012; FORTES, 2012).

Defenderemos o vigor do uso que a psicanálise pode fazer da filosofia trágica e da tragédia grega (recursos que o próprio Freud utilizava) diante de um modelo de clínica que se pauta excessivamente pelo saber médico e que tem como primeiros recursos o uso de fármacos, as promessas de felicidade que a pós-modernidade oferece, mas é incapaz de oferecer. Em linhas gerais, argumentaremos como, diante das propostas em psicoterapia e discursos produzidos sobre a dor que prevalecem na sociedade pós-moderna, a ética trágica da psicanálise se apresenta como possibilidade terapêutica e urgência para a clínica nos tempos atuais.

O DESAMPARO E A FALTA NA EMERGÊNCIA DO APARELHO PSÍQUICO

Freud (1996k) afirma que o homem, à diferença dos demais animais, nasce com um órgão faltoso. Órgão este de extrema importância para sua sobrevivência – ele se refere à mente –, que mais tarde ele irá denominar de aparelho mental. No primeiro momento da vida humana, o recém-nascido possui necessidades instintuais de descarregar as excitações provenientes de seu corpo que, sozinho, não consegue descarregar. Quando seu corpo chega a um nível de excitação que será sentido como desprazer, o bebê necessita de

alguém que o auxilie a descarregá-la. A descarga será sentida como satisfação. Este outro que garantirá a sua sobrevivência e cuidará de seu desamparo será a sua mãe e esta condição natural do ser humano é chamada de desamparo original (FREUD, 1996k).

A relação do bebê com a mãe é, para a psicanálise, a condição fundadora do aparelho psíquico, que será constituído pelas experiências de satisfação daquele que será um indivíduo no mundo. O desamparo original pode ser tomado como o primeiro registro psíquico, aquele que marcará o processo de emergência do aparelho mental que será composto pelas experiências de satisfação do bebê. Na concepção freudiana, o desamparo não é uma condição que pode simplesmente ser deixada de lado pelo sujeito, pois mesmo depois de conseguir manter por conta própria a sua sobrevivência (alimentar-se, por exemplo), o desamparo continuará a fazer parte do aparelho mental, pois para o humano não está em questão somente as satisfações instintivas, dos órgãos do corpo, mas também as satisfações que só serão possíveis através do seu relacionamento com o outro que em primeiro momento será a mãe e depois serão os outros indivíduos. Não podendo superar as marcas estruturantes do desamparo original, o homem buscará a relação com o outro. Podemos afirmar, no entanto, que as relações humanas nem sempre são satisfatórias, pois do mesmo modo como é pelo outro que obtemos as maiores experiências de satisfação, que seria representado pelo ápice do prazer sexual, é também pelo outro que obtemos as maiores experiências de insatisfação (FREUD, 1996i).

Distintamente da forma como algumas correntes pós-freudianas irão interpretar a relação entre a mãe e o bebê, é importante que ressaltemos esse que escolhemos como o primeiro aspecto trágico da obra de Freud: o fato de que jamais houve um momento de união perfeita entre o bebê e a sua mãe, pois o princípio é marcado pelo desamparo e pela ambivalência. Freud dirá que a relação mãe-bebê sempre foi marcada por um aspecto duplo: de um lado o amparo, a continência, o cuidado, e de outro, o desamparo, a falta e a falha. A mãe nunca conseguirá satisfazer completamente o bebê, marcando as primeiras experiências infantis com a ambivalência entre amor e hostilidade (FREUD, 1996a).

Além da condição de desamparo, há também um complexo formado no inconsciente que se forma durante a infância e que os indivíduos levam para a sua vida adulta. Freud (2001) toma a tragédia grega Édipo Rei, de Sófocles, para ilustrar esse complexo que ele havia encontrado em sua experiência clínica com neuróticos. À semelhança do protagonista da peça que, sem ter consciência de seus atos, desejou aquela que era sua mãe Jocasta e aniquilou seu pai Laio, assim também é a criança que em determinado estágio de amadurecimento desejou ter para si a exclusividade do amor da mãe (seu primeiro objeto de amor) e odiou ao pai, competidor do amor da mãe.

Do conteúdo dos sonhos referentes ao desejo amoroso pela mãe, o desejo de morte

do pai – marcas do inconsciente – e o horror ao incesto e a culpa pelo parricídio – marcas da educação e da moral civilizatória –, Freud (2001) encontra correspondência em elementos presentes na tragédia escrita por Sófocles, quando Édipo descobre os crimes que cometeu e comete o ato radical de furar os próprios olhos como forma de se punir pela culpa de ter tomado sua mãe como esposa e ter assassinado seu pai. Para Freud, a confirmação de que o complexo de Édipo é uma estrutura universal do ser humano diz respeito à reação de horror e repulsa do público à apresentação da tragédia na Grécia Antiga ser a mesma reação de horror e recusa desta realidade que os opositores da psicanálise expressam ante a descoberta freudiana. Nas palavras do autor:

Deve haver algo que desperta dentro de nós uma voz que está pronta a reconhecer a força compulsiva do destino no Édipo [...]. Seu destino comove-nos apenas porque poderia ter sido o nosso [...]. É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino, para nosso pai. Nossos sonhos nos convencem de que é isso o que acontece (Freud, 2001, p. 234).

Para Freud (2001), sempre vai haver uma lacuna dentro de nós, a sensação de que algo nos foi retirado, que diz respeito ao próprio processo de amadurecimento que exigiu de nós o afastamento cada vez maior da segurança do colo da mãe e uma simultânea resposta às exigências da vida adulta, mesmo sabendo que ela é marcada por incertezas (CLACK, 2015). Logo, a técnica psicanalítica não pode ser tomada como se estivesse voltada para o reestabelecimento de uma ordenação perfeita de coisas que, supostamente, teria existido. Por sua vez, a psicanálise volta seus esforços para ajudar ao homem em sua trágica condição de lidar com a sensação de desamparo e perda que o acompanhará ao longo de sua existência. Que seria da psicanálise e também do ser humano sem a tragédia edípica a que todos estamos sujeitos? O desamparo e a falta – que já são suficientes para indicar como o discurso e pensamento freudianos são trágicos –, são a matéria-prima do trabalho analítico.

ANÁLISE PARA ALÉM DOS REGISTROS DE PRAZER: AS PULSÕES DE MORTE

Durante a primeira fase do desenvolvimento da teoria freudiana, o princípio de prazer foi considerado o protagonista da vida psíquica e das ações humanas de modo a forçá-lo a buscar as tensões que causaram sensações de prazer e a evitar as que causaram desprazer (FREUD, 1996a). Associado à pulsão sexual, o princípio de prazer cumpre a função de garantir a continuidade da vida da espécie. À medida que a teoria avançava e seu criador buscava compreender os fenômenos que aparentemente fugiam à governança exclusiva deste princípio, o conceito de pulsão sofreu uma nova postulação que implicou

diretamente na mudança da leitura da psicanálise sobre a experiência humana (FREUD, 1996e).

Freud (1996e) publicou uma característica fundamental da pulsão que havia descoberto, a sua natureza conservadora, que diz que o estado atingido pelo organismo gera imediatamente uma tendência ao reestabelecimento deste estado, independente de ter sido ou não satisfatório. Partindo da ideia de que o orgânico surgiu posteriormente ao estado inorgânico, Freud aponta que há uma tendência do que é vivo a retornar a este estado original de não vivo. Essa tendência seria governada por um princípio anterior e independente ao princípio de prazer. Chamado de princípio do nirvana, este seria responsável por forçar o aparelho mental a buscar atingir o nível zero de excitação psíquica, o que seria feito pelo desligamento total das tensões do aparelho mental com o mundo. Esse estado de mínima ou nenhuma perturbação psíquica seria, em última análise, análogo ao estado de morte (FREUD, 1996e).

Enquanto na primeira teoria pulsional considerava-se o contraste entre as pulsões do ego (autoconservadoras) e as pulsões objetais (reprodutoras), nesta segunda teoria elas foram agrupadas sob o título de pulsões de vida, haja vista que ambas cumprem com o propósito de levar a vida da espécie adiante. As pulsões de destruição e agressividade foram agrupadas sob o título de pulsões de morte. Esse dualismo pulsional possibilitou a psicanálise entender melhor como o aparelho psíquico funciona em sua totalidade: sob a regência do princípio do prazer, as pulsões de vida aumentam a carga de estímulos, e sob a regência do nirvana, as pulsões de morte trabalham para a sua redução. O pai da psicanálise pressupõe ainda que estes princípios fundamentais não explicam apenas a mente, mas também a vida orgânica (FREUD, 1996e). Posteriormente, Freud (2017b) reconheceu a semelhança entre o par de pulsões que ele havia encontrado no curso de seu trabalho científico com a fantasia cósmica de Empédocles de Agrigento. O pensador grego dizia que, desde o início da vida, amor e discórdia estão em guerra, ora prevalecendo um, ora o outro.

Os dois princípios fundamentais de Empédocles – *philia* e *neikos* –, a partir de seu nome e de sua função, são a mesma coisa que nossas duas pulsões primevas, Eros e Destruição, um se esforçando em reunir o existente em unidades cada vez maiores, o outro em dissolver essas junções e destruir as formas assim produzidas (FREUD, 2017b, p. 353).

O objetivo de Eros, então, seria aglomerar os elementos da natureza em unidades cada vez maiores e preservá-las, enquanto a discórdia desfaria estas conexões, destruindo-as. Ou seja, enquanto as pulsões de vida operam pela fusão das unidades vivas, as pulsões de morte operam pela sua desfusão. Mesmo sem qualquer relação passada ou possível (futura) com o prazer, ainda assim, os registros psíquicos são repetidos na forma de uma

compulsão à repetição, levando muitas vezes o sujeito a um processo de autodestruição ou conservação do sofrimento que evidencia a atuação de pulsões contrárias às de vida.

Apesar das implicações filosóficas que estas hipóteses suscitam, Freud (1996e) as fundamentou a partir da sua observação clínica. Tomou como exemplo o caso das neuroses de guerra, em que os pacientes relatam sonhos repetidos em que trazem à tona a mesma sensação de angústia do momento passado em que o acidente traumático ocorreu. Também notou a atuação da pulsão de morte naquilo que ele postulou com o nome de reação terapêutica negativa, que é quando os pacientes em análise, ao se aproximarem do fim de um processo de padecimento psíquico, interrompem o processo terapêutico ou causam situações que inviabilizam a transferência (FREUD, 1996e). O dualismo pulsional permitiu a psicanálise interpretar e explicar outra quantidade de fenômenos que a teoria anterior não possibilitava, tais como as origens da destruição e da agressividade. Ao incorporar o registro da dor, da angústia, da morte e do sofrimento como sendo inseparáveis da condição humana, o discurso freudiano assumiu um tom cada vez mais filosófico e trágico (BIRMAN, 2003).

No desenvolvimento final de seu trabalho, Freud reconhece que não é possível alterar esse contexto fundamental da vida – o conflito entre Eros e destruição. Sofrimento e alegria são classes inerentes da condição humana; ora o homem tende mais para uma força ora para outra, e é exatamente diante desta realidade que não garante a vitória ou a constância das pulsões de vida, à semelhança da tragédia grega, que o homem se revela em sua tragicidade. A tarefa terapêutica não consistiria mais em buscar a cura de doenças, mas sim em descobrir formas de ajudar o ser humano a conviver com essa realidade trágica (BIRMAN, 2001).

O SOFRIMENTO DO HOMEM NA PÓS-MODERNIDADE

Depois da virada provocada na teoria psicanalítica com a proposta freudiana de conflito pulsional, surgem os chamados textos culturais de Freud, análise cultural que inspirou diálogos em variados campos do conhecimento e possibilitou aos psicanalistas a analisarem a cultura e a produzirem um diagnóstico dela concomitante ao diagnóstico clínico do sujeito (BIRMAN, 2018). Pontuamos que, além dele ter se tornado um dos autores mais importantes e influentes do século XX, no que se refere a sua crítica à cultura ocidental, ele também se inseriu na mesma linha de produção de crítica à cultura ocidental feita pelos filósofos trágicos como Schopenhauer (2016) e Nietzsche (2017). Aliás, é uma das características do pensamento trágico a crítica aos valores do progresso e à própria noção de modernidade (MACHADO, 2006).

Apesar de ter tomado a cultura como tema central de um texto pela primeira vez em

um artigo de 1908 (FREUD, 1996b), somente em 1930 é que Freud (1996i) irá dar contornos especiais à relação entre adoecimento psíquico e cultura. Ali é apresentada a tragédia a que todos nós animais civilizados estamos condenados: a infelicidade de viver em uma cultura que só foi possível através da privação total ou parcial de dois movimentos do mais profundo e primitivo interesse humano, a agressividade e o erotismo. No pensamento de Freud, as origens da insatisfação do homem civilizado, assim como as origens dos sintomas que compõem os quadros de sofrimento psíquico, localizam-se na repressão cultural e na educação oferecida primeiro pela família e depois pela sociedade. Nas palavras do próprio autor, “Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização” (FREUD, 1996i, p. 121). As renúncias instintivas que o homem faz para viver em sociedade produz uma sensação de desconforto que é inevitável.

Freud (1996i) apresentará ainda seu receio sobre o futuro da civilização (ele não chegou a ver a Segunda Guerra Mundial, mas presenciou a Europa ser varrida pela primeira Grande Guerra, o que também influenciou muito a virada na sua leitura inicialmente ‘mortalista’ sobre a existência) e dirá que o quadro da cultura se dá do mesmo modo como o quadro da vida psíquica. Em ambos observa-se a luta entre os impulsos vitais e os impulsos mortíferos, não se podendo dizer com certeza qual das duas classes sairá vitoriosa (FREUD, 1996i). Desse modo, a ideia positivista de que a nossa sociedade está progredindo para um estado de bem-estar geral é destruída pela análise freudiana, que marca o mal-estar como condição da civilização (BIRMAN, 2001).

As constantes reconfigurações do mundo ocidental e as novas exigências que ela faz ao homem hodierno fez com que o quadro de mal-estar tomasse novas formas, que acompanharam as mudanças econômicas e políticas da sociedade. Este fato chamou a atenção de alguns autores sociais que se debruçaram sobre as modificações que os tempos de agora têm operado na vida psíquica do indivíduo. Destacamos o trabalho de Zygmunt Bauman (1998) que, na sua releitura do mal-estar segundo a proposição freudiana, observou um aumento da sensação de insegurança no sujeito na passagem da sociedade moderna para a que ele chamará de sociedade pós-moderna. Segundo este autor, o homem moderno (a quem Freud se referia) trabalhava para construir um projeto de vida seguro, mesmo que para isso abrisse mão de parte de sua liberdade, enquanto o homem pós-moderno abriu mão desta segurança para ir em busca das promessas de liberdade e felicidade que a sociedade de agora o oferece. Nas palavras do sociólogo, “o sentimento dominante, agora, é a sensação de um novo tipo de incerteza, não limitada à própria sorte e aos dons de uma pessoa, mas igualmente a respeito da futura configuração do mundo” (BAUMAN, 1998, p. 32).

Para Bauman (1998), não se pode considerar que houve qualquer ganho no que se refere à felicidade e sim houve apenas uma inversão de pesos e medidas: se o homem na sociedade de outrora reclamava da privação de liberdade, o pós-moderno reclama pela falta de segurança e estabilidade diante de um mundo que lhe oferece um amplo leque de possibilidades, mas também de incertezas existenciais. Podemos observar que o modelo econômico neoliberal da pós-modernidade têm realizado uma série de desmonte de garantias sociais, colocando sobre os ombros do homem contemporâneo o fardo da insegurança e do medo. São características do projeto neoliberal o desmantelamento das leis trabalhistas, a redução e destruição da previdência social, o afrouxamento das relações de trabalho, o aumento do desemprego e dos trabalhos informais, dentre outras marcas que contribuem em muito para que o sujeito, além de ter que lidar com seu desamparo original, tenha que lidar com esse desamparo social (BAUMAN, 1998).

Dos psicanalistas que vão analisar o mal-estar em nossos tempos, destacamos Birman (2001), que analisa a passagem da cultura tradicional para a pós-moderna e tece um excelente diagnóstico sobre as modificações que esta operou na constituição do sujeito, discutindo o papel e os desafios da clínica psicanalítica perante as exigências do momento de agora. Birman (2001) aponta que o aumento das incertezas na sociedade atual está diretamente relacionado com o novo panorama de mal-estar que se dá na forma de aumento dos sintomas de ansiedade, queixas sobre vazio existencial, domínio do pânico, propensão à depressão, esgotamento no trabalho, efeitos nocivos do consumo excessivo de medicamentos, dentre outros paliativos ao mal-estar, como o álcool e o uso de tóxicos.

A modernização do social impõe novas exigências para a subjetividade. Esta deve ser permanentemente remodelada em consequência dos processos de transformação contínua da ordem social, que se realizam de maneira intensiva e extensiva [...]. A insegurança e a angústia se multiplicam, como consequência. [...] Enfim, o sujeito passa a se inscrever num mundo que lhe abre muitas possibilidades, mas que também lhe aponta muitas impossibilidades existenciais (BIRMAN, 2001, p. 78-79).

Esse novo panorama de mal-estar soma-se à tragédia que inevitavelmente faz parte da condução humana, fazendo com que os sofrimentos do homem na pós-modernidade sejam maiores. No mundo em que as possibilidades existenciais são inúmeras, aumenta-se o sofrimento, pois a ansiedade, o terror e a insegurança acabam fazendo com que o sujeito se veja paralisado, tendo que buscar formas de atenuar com paliativos (mesmo com prejuízo de sua saúde) a angústia, o cansaço e o pânico que o dominam (BAUMAN, 1998; BIRMAN, 2001).

O consumismo, junto ao hedonismo e utilitarismo, mantém a lógica de que há utilidade e preço para tudo, que, por sua vez, pode ser tomado em termos de consumo, relações de compra e venda (FORTES, 2012). Através desta lógica, pensa-se que a

felicidade pode ser obtida pela fruição de bens evanescentes, os quais Bauman (2001) chamará de líquidos, haja vista que não são duráveis e constam como promessas ilusórias de felicidade do estado atual de nossa modernidade.

Rosa e Winograd (2011) recorrem também à noção de que a felicidade pode ser obtida na forma de medicamentos e fármacos que ajudem a eliminar o desconforto que há em viver. Na nossa pós-modernidade, podemos observar também o predomínio do discurso de excelência, que se soma ao discurso de anulação da dor, exigindo do homem contemporâneo tornar pública uma vida bem sucedida, onde atinja a felicidade pelo seu próprio esforço. No pensamento predominante na cultura atual, nas palavras de Clack (2015, p. 181), “resta pouco espaço para as experiências de perda, do sofrimento ou da infelicidade”. É digna de nota também a forma como a pós-modernidade e seus valores se relacionam com os indivíduos que estão de fora da lógica de consumo e utilidade, tais como os inválidos e miseráveis. Eles são os estranhos ao mercado, logo devem ser relegados à própria sorte, pois não fazem parte do jogo social de busca pela felicidade (BAUMAN, 1998).

NOVOS DISCURSOS SOBRE A DOR E SUAS NOVAS PROPOSTAS DE TRATAMENTO

Como resposta à demanda crescente de trabalho clínico na pós-modernidade, novas modalidades de tratamento e psicoterapias passaram a ser inventadas. De acordo com Birman (2001), nas últimas décadas, com o desenvolvimento das neurociências, da psicofarmacologia e das terapias cognitivas, pôde-se observar uma queda pela procura da psicanálise para o tratamento dos sintomas contemporâneos.

Segundo Birman (2001), uma das razões para a queda da procura pela psicanálise deve-se ao fato de que a importante proposição do conceito de pulsão foi silenciada por influentes escolas pós-freudianas. A pulsão é o conceito que dá ao psicanalista a dimensão corporal do indivíduo, mostrando as relações entre o psíquico e o somático, conforme Freud (1996c) definiu. Em psicanálise não há uma separação, senão arbitrária e conceitual, entre psiquismo e somático, pois como Freud (1996c, 1996d) propôs, a pulsão (*trieb*), se inscreve na fronteira entre o corpo e o psíquico, fazendo com que as experiências de dor e prazer sejam registradas no psiquismo como uma representação psíquica das experiências que ocorrem no corpo. Esse conceito pode ser considerado, inclusive, como um desvio freudiano da tradição dualista da filosofia e das ciências modernas, que tem como seu representante máximo o filósofo do século XVII René Descartes, o qual considera a mente como cindida da corporeidade, embora ligada de algum modo a ela. Freud une as dimensões corporais e psíquicas através da pulsão (BIRMAN, 2018; GARCIA-ROZA, 1994/2009).

O silenciamento da pulsão pelos pós-freudianos já havia sido indicada também por Herbert Marcuse (1981), quando afirmou que “no desenvolvimento pós-freudiano da Psicanálise, essa metapsicologia foi quase inteiramente eliminada” (p. 29). Para o pensador da escola de Frankfurt, as origens da cultura em Freud são dependentes da teoria das pulsões. Foi com a teoria das pulsões, principalmente em sua segunda formulação, que Freud abriu caminhos para que a psicanálise se tornasse também uma ciência crítica social. No entanto, algumas correntes neofreudianas, percebendo que se poderia fazer usos políticos que seriam prejudiciais à instituição psicanalítica, silenciosamente eliminaram a metapsicologia freudiana quase que completamente, deslocando o foco de suas investigações e suas propostas clínicas do inconsciente e dos caminhos feitos pelas pulsões no homem para a análise da consciência e do Eu.

O “biologismo” de Freud é teoria social numa dimensão profunda, que tem sido obstinadamente nivelada pelas escolas neofreudianas. Ao transferirem a ênfase do inconsciente para o consciente, dos fatores biológicos para os culturais, suprimem as raízes da sociedade no nível em que se defronta com o indivíduo em seu “meio” pré-fabricado, sem indagarem de suas origens e legitimidade (MARCUSE, 1981, p. 29).

Não conseguindo que seu corpo fosse escutado, as pessoas passaram a aderir a essas novas terapias e tratamentos para a dor que conferiam algum lugar ao corpo. Porém, apesar de investirem no corpo, assumem outra forma de relação com ele, através do discurso da negação e do silenciamento da precariedade corporal (BIRMAN, 2001). Por sua vez, é exigido ao corpo um equilíbrio e uma harmonia à semelhança de um modelo ideal de homem que é pasteurizado, puro, sem doenças, dores e precariedades. Na tentativa de eliminar as aflições existenciais que acompanham o homem ao longo de toda a sua história, esses discursos e tratamentos apenas ocultam do homem a sua real condição, tornando cada vez mais insuportável para ele as experiências de insatisfação e desprazer (BAUMAN, 1998; BIRMAN, 2001). Vale lembrar que a visão que sustenta grande parte das terapêuticas contemporâneas é a do corpo anatômico, fisiológico, diferente da noção de corpo erógeno prezado pela psicanálise. Com um olhar mecanicista sobre o homem, costuma-se pensar em formas de ajustar o corpo como se o mesmo fosse uma máquina, a fim de se construir um homem pasteurizado, sem que com isso se indague e extraia da experiência humana questões e problemáticas pertinentes a sua existência (BIRMAN, 2001).

A prática médica estritamente aliada à tecnologia e à farmacologia busca oferecer formas de silenciar a dor, tornando, para o homem, essa sensação cada mais insuportável, haja vista que há medicação para todo e qualquer desconforto. Através do uso excessivo de medicamentos (aqui não negamos a importância da medicação, apenas pontuamos

o abuso de seu uso clínico), muito se contribui para que o corpo seja paralisado, muitas vezes tolhido ou reduzido em sua capacidade de sentir, de se relacionar, afetar e ser afetado. Rosa e Winograd (2011) pontuam este aspecto do mal-estar contemporâneo, mostrando como os psicofármacos têm contribuído para a insuportabilidade do sujeito diante do sofrimento psíquico. Nas palavras das autoras, “Graças à mágica desempenhada pelos psicofármacos, as individualidades suportam cada vez menos sofrimento psíquico e recorrem à medicalização em uma escala sem precedentes” (p. 43).

A dor e o sofrimento psíquico no discurso contemporâneo são associados a um mal, como se fossem um erro da natureza humana, enquanto para a psicanálise ela é fundamental para a fundação do aparelho mental. Nesse sentido, Isabel Fortes (2012) apresenta uma leitura sobre a dor na psicanálise, mostrando como o modo freudiano de descrever a constituição do aparelho psíquico e seus mecanismos de defesa são inseparáveis das experiências de desprazer e de insatisfação que o indivíduo vai estabelecendo com o mundo. Para a autora, a dor é própria do corpo humano e é constituinte da experiência humana. Qualquer forma de eliminação completa da mesma implica também na eliminação das possibilidades de transformação do aparelho psíquico, haja vista que é pela dor psíquica que ele se modifica. Vale lembrar que a autora não coaduna com uma noção pessimista nem fatalista sobre a dor, mas revela na teoria freudiana uma perspectiva que destaca a positividade da dor e o papel importante que ela possui na vida psíquica, sem fazer uma ode à dor (FORTES, 2012).

Sabendo que há motivações políticas na transformação da psicanálise em um saber mecânico e prático, fazendo com que a clínica se afastasse da dimensão corporal do sujeito, detendo-se a uma análise do psiquismo como se este fosse desassociado da corporeidade, cabe-nos suplantá-las e resgatar a vivacidade do trágico freudiano (MARCUSE, 1981). Esse é o nosso sentido de ética trágica. Se parte considerável da responsabilidade pelo surgimento de tratamentos e discursos sobre a dor na atualidade se deu pelo fato da psicanálise ter abandonado seus fundamentos trágicos para adentrar na seara do espírito, da metafísica e da linguagem, como foi feito pela escola lacaniana (BIRMAN, 2001), devemos nos ater à necessidade dessa ética trágica da psicanálise, uma ética que não consista em um conjunto de regras fechadas para serem seguidas, mas em um modo de analisar o indivíduo conforme os fundamentos abissais da psicanálise possibilitam: uma série de orientações que podem ser extraídas dos fundamentos da técnica de Freud, que é por excelência um autor trágico e, logo, crítico (e clínico) da cultura moderna (ASSOUN, 1978; BIRMAN, 2012; MACHADO, 2006).

FREUD, O PENSADOR TRÁGICO

É sabido que o criador da psicanálise não dedicou um texto em especial para tratar da ética da clínica psicanalítica, assim como também não o fez para descrever conceitos e noções fundamentais para o entendimento de seu pensamento, tais como o complexo de Édipo, a sublimação ou sobre a consciência. Contudo, a partir da leitura e atenção aos aspectos trágicos dos fundamentos da técnica psicanalítica, como fizemos acima, pudemos extrair o que seria a ética freudiana: um compromisso com a condição trágica do homem. O conceito de trágico também não foi abordado diretamente pelo pai da psicanálise. Para a clara compreensão do que é o trágico no pensamento de Freud devemos também extraí-lo a partir da articulação entre a teoria psicanalítica com as filosofias trágicas com que Freud teve contato, buscando entender a relação entre seu discurso e os discursos dos pensadores trágicos de seu tempo.

De acordo com Paul-Laurent Assoun (1978), dos autores da filosofia de seu tempo o que Freud se encontra mais próximo é Schopenhauer, ocupando uma posição privilegiada em relação ao pensamento freudiano, sendo neste o astro solar, enquanto Nietzsche ocupa uma posição de estrela mais modesta.

Em Schopenhauer (2014), na tragédia da vida, o homem ocupa uma posição passiva, onde a ele cabe apenas liquidar, negar ou abafar a sua vontade de viver para evitar uma vida com maior sofrimento. Ou seja, cabe aceitar o que lhe acontece e buscar apenas uma mansidão sábia que por si só já seria honrosa. A vontade de viver, as vicissitudes do querer, condena o homem ao sofrimento. Para ele, a regra existencial é clara: “Querer é essencialmente sofrer, e como o viver é querer, toda a existência é essencialmente dor” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 39). Assim como esse filósofo, inicialmente Freud (1996e) se mostra convencido de que “o objetivo de toda vida é a morte” (p. 49), e que essa vontade de viver, que em termos psicanalíticos se traduz como pulsão de vida, nada mais é do que uma guardiã protegendo o homem dos perigos exteriores para que ele seja oferecido mais adiante para a morte que seu próprio organismo lhe prepara. Nas palavras do autor,

Trata-se de instintos componentes cuja função é garantir que o organismo seguirá seu próprio caminho para a morte, e afastar todos os modos possíveis de retornar à existência inorgânica que não sejam os imanescentes ao próprio organismo. [...] O que nos resta é o fato de que o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo. Assim, originalmente, esses guardiões da vida eram também os lacaios da morte (FREUD, 1996e, p. 49).

Dada a convergência entre seu trabalho e o do filósofo alemão, Freud (1996e) não deixa esse fato passar despercebido:

Inadvertidamente voltamos nosso curso para a baía da filosofia de Schopenhauer. Para ele, a morte é o verdadeiro resultado e, até esse ponto, o propósito da vida, ao passo que o instinto sexual é a corporificação da vontade de viver (p. 58).

Na fase final de sua obra, quando da nova apresentação sobre a sua metapsicologia, Freud (1996j) dirá que, apesar da semelhança entre suas ideias e às do filósofo pessimista, diferente deste, ele não toma a morte como o único objetivo da vida:

o que estamos dizendo não é nem mesmo Schopenhauer autêntico. Não estamos afirmando que a morte é o único objetivo da vida; não estamos desprezando o fato de que existe vida, assim como existe morte. Reconhecemos dois instintos básicos, e atribuímos a cada um deles a sua própria finalidade. Como os dois se mesclam no processo de viver, como o instinto de morte é posto a serviço dos propósitos de Eros, especialmente sendo voltado para fora na forma de agressividade – estas são tarefas reservadas à investigação futura (FREUD, 1996j, p. 116).

Em pouco mais de uma década, Freud (1996j) desloca o seu pensamento de um momento inicial em que ele se encontrava mais próximo da filosofia pessimista schopenhauriana, quando assumia uma postura mortalista, para uma postura que assume e formaliza seu dualismo pulsional como um conflito constante entre os dois poderes celestes. Apesar de servir de esclarecimento sobre o desamparo do homem, a leitura e o diálogo entre a filosofia de Schopenhauer e a psicanálise, a tragédia segundo essa ótica segue o curso do niilismo negativo; ou seja, prioriza uma leitura negativa da existência que leva a um desencantamento com a vida, que por sua vez nos leva a um estado de não fazer nada: que pouco pode servir de recurso clínico.

Para pensar a clínica articulada à filosofia, precisamos ir para além desse pessimismo contemplativo e passivo de Schopenhauer, de modo que a tarefa terapêutica não seja prejudicada por uma inação e complacência diante da dor. Por sua vez, na filosofia de Nietzsche, encontramos uma concepção trágica, que é bem diferente da de Schopenhauer. Apesar da tragédia em Nietzsche ser bem diferente do que Freud entende por tragédia, apostamos que a articulação entre estes dois autores traz benefícios para se pensar a clínica psicanalítica, pelo fato de que este filósofo extraiu da tragédia um sentido que acreditamos também ser caro à técnica psicanalítica: a alegria do trágico (ASSOUN, 1991). A concepção nietzschiana da tragédia convida o homem a ocupar uma posição ativa (afirmativa) diante da vontade, em que este deve romper com as algemas estabelecidas pela tradição do pensamento metafísico a fim de se apropriar da sua vontade de potência, descobrindo alegria e coragem de viver na tragédia da vida humana, afirmando a sua força na relação com as forças as quais está sujeito (MACHADO, 2001).

A tragédia para Nietzsche (2007) se refere às manifestações do culto a Dioniso na antiguidade: nestas manifestações, que mesclavam dança eloquente, êxtase, encenação,

exploração máxima do corpo, prevaleciam as forças da carne, do desejo. Para ele, o sentido dionisíaco da tragédia foi sendo perdido com as modificações e racionalizações realizadas por Homero e os grandes autores do teatro trágico, Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, que atendiam ao momento em que a arte grega cada vez mais prezava pelo espírito apolíneo. Nietzsche (2007) mostra como a tragédia, e o teatro, foi se tornando cada vez menos musical, até que fosse transformada em um retrato da vida comum, ou uma representação do que estava estabelecido pela cultura vigente. A tragédia enquanto teatro perdeu a alegria trágica originária e foi se transformando até se converter em drama e comédia (NIETZSCHE, 2007).

Ressaltamos que a perspectiva nietzschiana da tragédia não deixa de ter um aspecto terapêutico, pois ao propor um deslocamento do que considera ser uma visão mortífera da tragédia para uma visão cheia de vida e boa saúde, recuperando a vontade de potência e a alegria trágica que existiam no culto a Dioniso, há interesse em proporcionar uma filosofia capaz de auxiliar no processo de saída de uma postura niilista, adocida, carregada de culpa, má consciência e ressentimento, para assumir uma postura mais ativa, alegre e potente na vida (MACHADO, 2001). E é exatamente isto que justifica a articulação entre a teoria freudiana com o pensamento nietzschiano, o caráter terapêutico que há no esforço de ambos em proporcionar a travessia da dor para o júbilo trágico (ASSOUN, 1991; FORTES, 2014).

A ALEGRIA TRÁGICA NA CLÍNICA

Assim como Nietzsche, Freud (2017a) se opôs ao pessimismo em certo momento de sua obra, ao comentar sobre um fato ocorrido no verão que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, quando caminhava com um amigo que se lastimava pelo fato de que toda a beleza da natureza estivesse condenada a perecer. A transitoriedade, própria do duelo entre os poderes celestes, *Eros* e *Thanatos*, era para o amigo um motivo de tristeza e perturbação de espírito. Diante do desânimo e pessimismo do companheiro com a mudança que está sempre presente na existência, Freud escreveu:

contesto o poeta pessimista, que associa a transitoriedade do belo com sua desvalorização. Ao contrário, há um aumento de valor! O valor da transitoriedade é raro em nossa época. A limitação das possibilidades de fruição eleva sua preciosidade. Considero incompreensível que a ideia da transitoriedade do belo possa perturbar nossa alegria diante dele. No que diz respeito à beleza da natureza, após sua destruição pelo inverno, ela voltará novamente no próximo ano, e esse retorno em relação à duração de nossa vida deveria ser caracterizado como eterno (FREUD, 2017a, p. 222).

Percebemos que o pensamento freudiano não consiste em uma filosofia pessimista,

ao mesmo tempo em que se mantém longe das malhas do otimismo ilusório. Isto porque o trágico no estilo e pensamento freudianos se dá pela crítica (no sentido de tecer uma análise) e esta é uma postura que busca se situar para além do otimismo e do pessimismo, para além do bem e do mal, o que também o aproxima bastante do trágico no pensamento de Nietzsche (2012). No texto citado acima, Freud mantém no seu pensamento a ideia de que a existência da destruição na natureza não elimina a ideia de belo, pois ao mesmo tempo em que há a destruição na chegada do inverno, há também o retorno da beleza na próxima estação. E ainda há a modificação do que é belo, pois outra beleza o próprio inverno traz (FREUD, 2017a).

Assim também seria o quadro da existência e da condição trágica em Freud: o duelo entre as pulsões, o conflito que permeia nossa existência, não deve necessariamente retirar a nossa alegria diante da vida. E a clínica psicanalítica pode auxiliar que o homem, em sua condição trágica, a partir do que a análise em algum momento mostrará a ele (por reelaboração própria), que a alegria e a dor não são categorias excludentes e que, olhando para o próprio desenvolvimento humano, o início de nossas experiências é marcado por estes pares contraditórios, que fazem parte do quadro trágico de nossa existência (FORTES, 2014).

Percebendo as idiosincrasias entre teoria freudiana e filosofia nietzschiana, Fortes (2012) mostra como a dor psíquica para a psicanálise é semelhante à noção de alegria trágica que o filósofo alemão traz em sua obra. A coexistência entre alegria e dor, pode ser percebida no que Nietzsche aponta com o exemplo da experiência da parturiente: ao mesmo tempo em que a mulher que dá à luz sente dor, ela também está em júbilo; e esses dois sentimentos que, convencionalmente, pensamos ser opostos, estão, em realidade, copresentes na experiência em questão (FORTES, 2012).

Longe de fazer uma apologia à dor, de fixar-se na dor, o trágico busca transmutar a dor em alegria, propondo uma cultura jubilosa no debruçar-se sobre a dor de existir. [...] A visão trágica mostra que a dor não é sinônimo de tristeza, pois pode haver alegria na dor. (FORTES, 2012, p. 191-192).

A alegria trágica não consiste em estagnar-se diante da dor, tampouco a provocação de dores e suplícios. Pelo contrário, está na possibilidade que a análise pode proporcionar de o indivíduo sentir alegria no atravessamento da dor, na passagem do pessimismo para a alegria, da negatividade para a positividade, da mortalidade para a vivacidade, da negação para a afirmação, do drama para a tragédia. Como nos recordou Nietzsche (2015), o que há de valoroso no homem é o ato de atravessar, como um funambulista que se equilibra diante da ausência sustentação. Segundo o autor,

O que é grandioso no homem é que ele seja uma ponte, e não um fim: o que pode ser amado no homem é que ele seja uma passagem e um ocaso. Eu amo aqueles que não sabem viver a não ser como poentes, pois eles são os que atravessam" (NIETZSCHE, 2015, p. 30).

Da mesma forma, na clínica freudiana o trágico se caracteriza pelo ato de atravessar as experiências de dor psíquica, pois nessa condição a dor não é uma finalidade, mas um acontecimento normal da existência e que possibilita a modificação do psiquismo que, diante dos desconfortos, desprazeres e sofrimentos, modifica-se. E a análise do sofrimento, dos sinais e sintoma de um indivíduo auxilia a identificação do que está formando o sofrimento e permite modificá-lo (FREUD, 1996h).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE

Embora em um primeiro momento de sua obra Freud fale em termos de cura ou reestabelecimento de saúde, com o desenvolvimento de seu trabalho, posteriormente reconheceu que a análise não teria como finalidade a cura, como se existisse a possibilidade de finalizar totalmente o sofrimento da existência humana, mas sim o deslocamento de um tipo de sofrimento por outro que poderia ser considerado menor, como no caso da cura histérica que consistiria em abandonar o sofrimento histérico, para fazer parte da vida comum e compartilhar do sofrimento neurótico (CLACK, 2015).

A ausência de uma ética com o trágico, que reconheça o potencial da dor psíquica na reelaboração dos pensamentos e a possível transformação psíquica e subjetiva, cria problemas de ordem clínica. A psicanálise pode oferecer algo além do que a simples cura de doenças, como a medicina se propõe, assim como algumas outras abordagens terapêuticas, mas pode oferecer outra experiência, outra visão sobre cura, que não se dá na eliminação da dor, mas sim na tensão entre as pulsões de morte com as pulsões de vida; essas últimas devem ser reforçadas na análise, devem ser fortalecidas para que *Eros* continue vencendo *Thanatos*. Nas palavras de Birman (2007, p. 546),

O que a experiência psicanalítica pode ainda propor não é a cura (*guérison*), no sentido médico do termo, mas uma experiência de cura (*cure*) na qual a pulsão de vida pode e deve se contrapor à pulsão de morte, num psiquismo não mais atravessado pela homeostasia.

Ou seja, a clínica psicanalítica pode oferecer uma experiência para além do problema acerca da cura de doenças e dores psíquicas, pois ao perceber alguma positividade e alegria possível a partir da experiência da dor, pode oferecer também uma experiência de atenção aos seus processos psíquicos, sem a proposta da eliminação imediata das experiências que podem levar o sujeito à transformação dos seus próprios processos psíquicos (FREUD, 1996h).

A clínica psicanalítica pode oferecer uma possibilidade do sujeito em análise fazer uma travessia da negatividade para a atividade, do pessimismo para uma postura mais próxima da postura trágica, que seria uma possibilidade de se transformar a partir do encontro entre as suas forças – da mente e do corpo – e as forças do mundo – das coisas e das pessoas (FORTES, 2014). Mas para isso é necessário que o psicanalista consiga perceber a negatividade que há em discursos e tratamentos conferidos à dor na sociedade pós-moderna e como a ética trágica se apresenta como possibilidade e necessidade no labor psicanalítico, seja na análise de sua condição trágica quanto do sofrimento a que ele está sujeito na atualidade.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, P.-L. *Freud, a filosofia e os filósofos*. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ASSOUN, P.-L. *Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. 2. ed. Tradução: Maria Lúcia Pereira; rev. trad.: Paulo César Souza. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BIRMAN, J. *Freud & a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BIRMAN, J. A biopolítica na genealogia da psicanálise: da salvação à cura. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos (RJ)*, v. 14, n. 2, p. 529-548, 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/TMSwDXDLyS6kWYtyjn4mRwx/?format=pdf> Acesso em: 17 mar. 2019.

BIRMAN, J. A dor na constituição do discurso freudiano. In: Fortes, I. *A dor psíquica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2012. p. 13-23.

BIRMAN, J. *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CLACK, B. *Freud no divã*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FORTES, I. *A dor psíquica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2012.

FORTES, I. O sofrimento como travessia: Nietzsche e a psicanálise. *Revista Epos*, v. 5, n. 1, p. 99-111, 2014.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. Vol. 7, p. 119-230.

FREUD, S. Moral 'sexual' civilizada e doença nervosa moderna. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. Vol. 9, p. 167-187.

FREUD, S. A história do movimento psicanalítico. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. Vol. 14, p. 13-74.

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. Vol. 14, p. 123-144.

FREUD, S. Além do princípio de prazer. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. Vol. 18, p. 11-75.

FREUD, S. Dois verbetes de enciclopédia. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. Vol. 19, p. 249-276.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996g. Vol. 20, p. 81-173.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996h. Vol. 21, p. 65-151.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996i. Vol. 22, p. 11-178.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996j. Vol. 1, p. 355-466.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2001. Vol. 4.

FREUD, S. Transitoriedade. In: FREUD, S. *Arte, literatura e os artistas: obras incompletas de Sigmund Freud*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a. p. 221-225).

FREUD, S. A análise finita e a infinita. In: FREUD, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica: obras incompletas de Sigmund Freud*. Tradução: Cláudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b. p. 315-364.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989. Vol.1.

MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MACHADO, R. *O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia*. Tradução: J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2007.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. Tradução: Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2012.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Tradução: Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2015.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. Tradução: Attila Blacheyre. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

ROSA, B. P. G. D.; WINOGRAD, M. Palavras e pílulas: sobre a medicamentação do mal-estar psíquico na atualidade. *Psicologia & Sociedade*. Recife, v. 23, n. spe., p. 37-44, 2011.

SCHOPENHAUER, A. *As dores do mundo*. Tradução: José Souza de Oliveira. São Paulo: Edipro, 2014.

SCHOPENHAUER, A. *Parerga e Paralipomena: pequenos escritos filosóficos*. Tradução: Rosana Jardim Candeloro. Porto Alegre: Zouk, 2016.

A

- Ab-reação 194, 195
- Adoecimento psíquico 12, 18
- Afetos 31, 63, 180, 183, 184, 188, 197
- Afrodite 70, 71, 75, 81, 83
- Ágave 174, 176, 181
- Ágon 111
- Agressividade 12, 16, 17, 18, 24, 60, 96, 115, 177, 196, 199
- Alegria trágica 25, 26
- Alteridade 38, 42, 44, 45, 50, 52, 59, 156, 159, 166, 168, 169
- Alucinose 3
- Amazonas 71
- Amor materno 65, 147, 148, 153, 187
- Anacronia 125, 126, 132, 140
- Antiemoção 3, 7
- Antígona 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 124
- Aparelho de pensar 3
- Aparelho mental 13, 14, 16, 22
- Aparelho psíquico 13, 14, 16, 22, 60, 61, 134, 180
- Apolo 54, 77, 181
- Área transicional 31
- Areté 66, 69, 76, 81, 193, 197
- Argo 66, 67, 69, 72, 80, 81
- Argonautas 66, 69, 70, 71, 72, 73, 83
- Ártemis 72, 73
- Aspectos trágicos da condição humana 11
- Atemporalidade do inconsciente 132
- Atemporalidade dos mitos 173
- Ato filicida 144, 153, 198, 199
- Ato infanticida 148
- Ato trágico 141
- Automatismos psíquicos 4
- Autônoe 174

B

Bacantes 172, 174, 176, 181, 182, 185, 186

Baco 54, 174

Busca pelas origens 114, 115, 117, 118, 120

Busca pela verdade 2

Busca por sentido 90, 119

C

Cadmo 66, 71, 181

Caos 59, 60, 106, 169

Capacidade de empatia 36

Capacidade de pensar 2, 5

Caráter mítico 117, 120

Caráter trágico 102

Caráter transgressor 96

Cartas-testamento 116

Casos-limite 172, 184

Castração 39, 44, 46, 56, 82, 101, 150, 161, 165

Catarse 188, 194, 195, 203, 204

Cefiso 48, 50, 61

Ciclo odioso 116

Cinema 46, 88, 89, 90, 91, 104, 106

Cipris 75

Circe 67, 72

Civilização 18, 28, 29, 30, 45, 109, 122, 196, 203, 205, 207

Clínica psicanalítica 3, 6, 10, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 141, 166, 170, 172, 179, 181, 183

Clitemnestra 69

Clivagem 144, 162, 180

Cólquida 66, 67, 69, 71, 75, 80

Comoção 187, 193, 196, 198, 201

Complexo de Édipo 11, 15, 23, 32, 86, 132, 139, 150, 151, 152, 153, 161

Compulsão à repetição 17, 52, 62, 163

Condição humana 1, 11, 13, 17, 40, 90, 91, 103

Condição trágica 23, 26, 28

- Condição transgressiva 87, 104
- Conflito 11, 13, 17, 24, 26, 34, 87, 111, 117, 173, 174, 178, 181, 189, 198, 206
- Conflito pulsional 13, 17
- Conhecimento das verdades penosas 1
- Conjugalidade 39, 42
- Consciência 6, 11, 14, 21, 23, 25, 87, 88, 92, 93, 97, 102, 103, 133, 140, 160, 162, 166, 173, 175, 199, 200
- Consciência trágica 173
- Consciente 21, 33, 35, 50, 63, 74, 132, 169, 173, 174, 175, 182, 184, 194, 196
- Constituição do aparelho psíquico 22, 134
- Constituição Psíquica 34
- Construção de sentidos 91, 109
- Corinto 66, 73, 128, 129, 130, 138, 146, 147, 189, 191
- Creonte 66, 73, 82, 110, 111, 112, 114, 127, 128, 129, 130, 139, 146, 189, 190
- Creúsa 66, 73, 79, 81
- Criatividade 86, 87, 158
- Culto dionisiaco 174
- Cultura 1, 12, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 36, 82, 85, 89, 106, 108, 109, 113, 114, 147, 150, 151, 161, 181, 203, 206
- Cultura antimente 1
- Cultura contemporânea 89
- Cultura grega 85
- D**
- Delfos 127, 128, 129, 130, 138
- Demefonte 41
- Deméter 31, 32, 40, 41, 42, 43, 45, 46
- Dependência absoluta 31, 33
- Dependência relativa 31, 33
- Desamparo 11, 13, 14, 15, 19, 24, 42, 43, 67, 98, 120, 166
- Descarga pulsional 194
- Desejo 3, 4, 7, 11, 14, 15, 25, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 76, 86, 87, 96, 97, 101, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 123, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 168, 169, 176, 188, 190, 195, 196, 197, 199, 200, 201
- Desejo transgressivo 96, 97

- Desenvolvimento emocional 31, 33, 37, 44, 46, 51, 98
- Desenvolvimento infantil 31, 33, 49, 104
- Desmedida 87, 102, 103, 180, 184, 185, 193, 197
- Destino 5, 15, 49, 62, 66, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 129, 137, 138, 139, 140, 149, 157, 173
- Devir heroico 65, 69, 81, 83
- Diferenciação subjetiva 32, 44
- Dinâmica civilizatória 120
- Dinâmica das pulsões 177
- Dioniso 24, 25, 87, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 186
- Dióscuros 69
- Discurso trágico 12
- Disjunção entre a mulher e a mãe 143, 148
- Dor mental 1, 2, 4, 7
- Dor psíquica 22, 26, 27, 28
- Dualismo pulsional 16, 17, 24
- Dupla mãe-bebê 32, 36, 37, 44
- E**
- Eco 48, 49, 52, 59
- Édipo 11, 14, 15, 23, 32, 66, 82, 86, 103, 107, 110, 111, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 151, 152, 153, 161, 181
- Elementos inconscientes 103
- Elementos psicanalíticos 86, 104
- Elêusis 41
- Engrenagem suicida 1, 2, 3, 5, 7
- Enigma anacrônico 140
- Enigma da psicanálise 141
- Enigma edípico 125, 126
- Entusiasmo 48, 174, 180, 181
- Erínias 81
- Eros 7, 16, 17, 24, 25, 27, 30, 48, 49, 52, 59, 60, 61, 62, 71, 86, 177, 178, 179, 181, 184
- Erro trágico 87, 102, 103

Escuta psicanalítica 156, 158
Esfinge 82, 138, 139
Espelho psíquico 56
Ésquilo 5, 8, 25, 143, 173, 188
Estado mental 4, 100
Estados-limites 180
Estágio do espelho 51, 53, 54, 55, 56, 63
Estruturação do sujeito 109
Etéocles 110
Ética da clínica psicanalítica 23
Ética da psicanálise 109, 110, 111, 112, 114, 121, 123, 124
Ética trágica 10, 12, 13, 22, 27, 28, 186
Ética trágica da psicanálise 13, 22, 186
Eurípedes 25, 145, 152, 186, 188, 203
Excesso 31, 69, 87, 96, 117, 145, 158, 178, 193, 203
Experiência cinematográfica 91
Experiência de contato emocional 3
Experiência emocional 3, 5
Expressões míticas contemporâneas 89
Êxtase 24, 174, 175, 180, 181
Êxtase báquico 175

F

Falhas do ambiente 33
Fedra 75
Feminilidade 8, 37, 42, 44, 46, 47, 123, 151, 152
Fenômenos transicionais 33
Figura materna 97, 98, 101
Filicídio 144, 147, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203
Fim trágico 92, 102, 103
Formação do Eu 50
Formação reativa 187, 199
Fórmulas da sexualização 150, 151
Frenesi báquico 172, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185
Frenesi dionisíaco 174

Frixo 66, 69
Função do analista 156
Função do psicanalista 167
Função materna 33, 36, 44, 98, 151
Função paterna 34, 35, 36, 44, 46, 95
Funcionamento psíquico 1, 2, 176, 196
Fundamento da clínica 158
Fundamentos da psicanálise 12
Fundamentos da técnica psicanalítica 11, 23

G

Glauce 146, 189
Gozo 53, 117, 118, 119, 121, 122, 145, 149, 155, 167, 168

H

Hades 40, 42, 43, 45
Hécate 67, 73
Helena 69
Hélio 40, 67
Hemon 112
Hera 52, 71, 75, 81, 83, 193
Hércules 69, 70, 83, 105
Hermes 68, 77
Herói trágico 87, 88, 91, 92, 95, 96, 102, 103, 104, 173, 175, 193
Hesíodo 5, 8, 60, 63
Hipólito 75, 84, 153
Histórias de captura 38, 46
Homem contemporâneo 19, 20
Homem psicanalítico 102
Homem trágico 103, 173
Homero 25
Horror 11, 15, 79, 110, 111, 116, 119, 120, 127, 146, 147, 187, 188, 198, 200, 201
Humanidade 6, 82, 87, 92, 96, 102, 103, 113, 173, 181, 196
Hýbris 67, 69, 73, 77, 87, 106, 175, 176, 180, 181, 184, 186, 193, 204

I

- Identidade 31, 32, 38, 44, 45, 54, 82, 127, 130, 137, 138, 139, 141, 169
- Identificação projetiva 5, 99, 100, 101, 106
- Imagem especular 49, 53, 55, 59
- Imagem inconsciente do corpo 55, 56, 57, 63
- Imobilidade mental 3, 4
- Inconsciente 11, 14, 15, 21, 29, 35, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 63, 86, 90, 97, 108, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 132, 133, 134, 136, 138, 141, 150, 156, 158, 163, 164, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 183, 184, 188, 194, 196, 198, 201, 203
- Independência 32, 33, 45, 115
- Indivíduo 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 31, 54, 56, 61, 69, 97, 98, 101, 174, 178, 185, 188, 195
- Ino 174
- Inominável do gozo 117
- Interpretação 8, 29, 30, 35, 88, 89, 122, 123, 134, 136, 141, 154, 157, 158, 161, 176, 183
- Investimento libidinal 34, 52
- Investimento narcísico materno 34
- Investimento pulsional 38
- Ismene 110, 112

J

- Jasão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 197, 199
- Jocasta 14, 46, 82, 128, 129, 130, 131, 138, 139
- John Connor 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104

L

- Labdácidas 114
- Laço social 111
- Laio 14, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 141
- Linguagem 22, 46, 53, 57, 62, 63, 90, 106, 109, 112, 121, 126, 135, 141, 165, 168, 170, 188
- Liríope 48, 49, 50, 51, 56, 61
- Loucura privada 172, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

M

Mãe odiosa 145, 147

Mãe suficientemente boa 98

Mal-estar contemporâneo 12, 22

Mal-estar pós-moderno 13

Maternagem suficientemente boa 33

Maternidade 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152

Medeia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Mênades 174, 177

Mérope 128, 129, 130, 138

Metamorfose 49

Metanira 41

Metapsicologia 21, 24, 61, 144

Método psicanalítico 174

Metonímia do desejo de falo 150

Mídias contemporâneas 89, 90

Mito 6, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 73, 75, 77, 83, 85, 86, 89, 91, 106, 108, 109, 110, 114, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 153, 169, 186, 188, 189, 203, 204

Mito das origens 108, 109, 110, 114, 121, 122

Mitologia contemporânea 90

Mitologia grega 9, 11, 83, 86, 104, 106, 108, 132, 141, 172, 185, 202, 203, 204, 206

Moções pulsionais 184, 196, 200

Morte 1, 5, 6, 11, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 27, 45, 49, 52, 58, 59, 60, 62, 66, 67, 81, 82, 96, 97, 100, 105, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 130, 143, 145, 146, 157, 161, 162, 164, 169, 172, 174, 177, 178, 180, 192, 193, 194

Mudança 2, 5, 8, 9, 16, 25, 137, 141, 146, 162

N

Narcisismo 32, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 56, 61, 62, 86, 162, 170

Narciso 40, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

Narrativas mitológicas 89, 105

Nêmesis 48, 52

Norma fálica 148, 153

O

Objeto 3, 14, 38, 44, 49, 50, 51, 55, 60, 62, 63, 65, 89, 99, 100, 101, 117, 120, 121, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 161, 162, 163, 167, 177, 178, 179, 187, 196, 197, 199, 201

Objeto causa de desejo 148, 152, 153

Objeto de desejo 117

Objetos a 144, 148, 150, 151, 152

Objetos primários 97

Obturação da castração 150

Ódio 3, 4, 15, 31, 73, 80, 98, 116, 143, 145, 146, 147, 148, 153, 161, 167, 190, 199

Ódio ao pensamento 3

Olimpo 40, 41, 43, 71

Oráculo 48, 49, 50, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 138

Ordem do gozo 117

Orfeu 69, 71

Organização narcísica 183

Origens 17, 18, 21, 76, 108, 109, 110, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122

P

Pai 11, 14, 15, 16, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 50, 66, 67, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 82, 93, 95, 96, 102, 111, 115, 119, 120, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 161, 174, 176, 191, 194, 197

Paixões humanas 188, 189

Pandora 5, 6, 7

Panteão helênico 59

Parto subjetivo 44, 45

Pensamento trágico 17

Penteu 174, 175, 177, 181

Persecutoriedade 99

Perséfone 31, 32, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 73

Personagens femininas 143

Perspectiva trágica 13

Pólibo 128, 129, 130, 138

Polimórfico-perverso 196, 200

- Polínicos 110, 112, 113, 114
- Pólis 85, 196
- Posição depressiva 101
- Posição esquizoparanóide 101
- Posídon 71
- Pós-modernidade 10, 13, 17, 19, 20, 27, 28
- Prática analítica 126, 136
- Prática clínica 133, 151, 156, 169
- Primeiras experiências relacionais 31
- Princípio de realidade 164, 195, 196
- Princípio do nirvana 16
- Princípio do prazer 16, 52, 60, 63, 163, 175, 176, 185
- Processo analítico 44, 45, 168
- Processo civilizatório 187, 198
- Processo de emancipação psíquica 32
- Processos de identificação 120
- Processos de separação e individuação 34
- Procusto 156, 157, 167, 169, 170
- Produção de sentido 119
- Projeção 50, 51, 53, 56, 99, 100
- Prometeu 5, 6, 7, 8
- Psicanálise 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 45, 46, 47, 61, 62, 63, 65, 68, 83, 84, 86, 88, 89, 91, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 183, 185, 186, 188, 202, 203, 204, 205, 206, 207
- Psiquismo 2, 5, 7, 9, 20, 22, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 52, 56, 62, 91, 97, 106, 161, 164, 178, 179, 184, 186, 195, 196, 199, 200, 201, 203
- Pulsão 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 27, 49, 52, 59, 60, 62, 108, 122, 169, 172, 177, 178, 198, 199, 200
- Pulsão de morte 17, 27, 52, 59, 60, 62, 169, 172, 177, 178
- Pulsão de vida 23, 27, 49, 52, 59, 60, 177
- Purgação 193, 194

R

- Realidade humana 2, 4

Recalcamento 86, 144, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Recalque 165, 187, 198, 199

Recursos egóicos 31

Registro do desejo 109

Registro do gozo 117

Registro do mito 108

Registro próprio ao sujeito 114

Relação mãe e filha 32, 46

Relação mãe-filho 150

Representante do terceiro 32, 44

Repúdio 4, 187, 199

Revelação 114, 115, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 137

Rito fúnebre 108, 109, 110, 113, 115, 121, 122

Rituais orgiásticos 174

Ritualização da morte 109, 114

Ruptura de campo 136

S

Segredo 72, 115

Sêmele 73, 174

Sentimento inquietante 160, 164

Separação 20, 31, 32, 34, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 51, 115, 133, 144

Série simbólica do falo 144

Sexualidade genital 42

Significante 112, 113, 114, 118, 121, 150

Simbiose 32, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 46

Simbiose patológica 36, 37, 40, 44, 46

Simbolização da morte 109

Simplégades 71, 75

Singularidade de sujeito 49

Sociedade contemporânea 90

Sociedade pós-moderna 12, 13, 18, 28

Sófocles 11, 14, 15, 25, 103, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 173, 188

Sufrimento 2, 6, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 32, 42, 43, 45, 49, 55, 97, 112, 117, 119, 145, 146, 167, 189, 190, 197, 198

Sufrimento humano 2
 Sofrimento psíquico 12, 13, 18, 22
 Subjetivação da morte 110
 Subjetividade 13, 19, 36, 51, 55, 57, 59, 61, 62, 63, 89, 96, 166, 168, 188, 206
 Sublimação 23, 108, 110, 111, 122
 Sujeito do inconsciente 109, 114, 121, 122, 150
 Sujeito psicanalítico 103

T

Tebas 82, 110, 127, 128, 129, 130, 138, 139, 174, 181
 Témis 73
 Tempo 1, 3, 5, 6, 11, 13, 23, 26, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 59, 60, 66, 69, 70, 75, 82, 85, 89, 92, 96, 97, 100, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 123, 125, 126, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 162, 163, 168, 172, 176, 181, 184, 188, 189, 190, 194, 198, 200, 201
 Tempo lógico 126, 132, 134, 135, 136, 141
 Tempo mítico 109
 Tendência transgressiva 96
 Teoria das pulsões 21, 109, 178
 Teoria psicanalítica 11, 17, 23, 86, 95, 108, 122, 124, 132, 143, 155, 164, 182, 188, 206
 Tese falo-filho 150
 Testamento 115, 116, 117, 165
 Thanatos 7, 25, 27
 Timé 66, 69, 76, 81, 193, 197
 Tírésias 48, 49, 50, 69, 127, 128, 131, 139, 175, 181
 Tragédia da vida 23, 24
 Tragédia grega 11, 13, 14, 17, 86, 91, 94, 103, 111, 123, 144, 172, 174, 178, 188, 194, 196, 197, 203
 Transferência 17, 133, 136, 156, 167, 168, 170, 182, 183, 184
 Triangulação edípica 39

U

Ulisses 67, 77

V

Velocino de ouro 66, 67, 70, 71, 72, 83

Vida mental 4, 5, 134, 163

Vínculo 31, 36, 46, 158

Vínculo mãe-criança 36


Vingança 5, 43, 67, 70, 75, 82, 143, 146, 147, 148, 153, 187, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 201


Vinho 54, 174, 180, 181, 182


Violência psíquica 3

Z

Zeus 5, 40, 41, 42, 43, 66, 69, 71, 73, 83, 110, 138, 174

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Ano 2023



 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Ano 2023

